REVISTA ELETRÔNICA DIMENSÕES DOCENTES

DIMENSÕES DOCENTES. Porto Alegre, v.5, n. 1, 2026.
ISSN Eletrônico 3085-6248

Habitar um rio chamado Geografia: confluências entre PIBID, escola e universidade

Inhabiting a river called Geography: confluences between PIBID, school, and university

Habitar un río llamado Geografía: confluencias entre el PIBID, la escuela y la universidad

Larissa Corrêa Firmino[11]
0000-0002-0927-3887
Nestor André Kaercher[12]
0000-0003-4005-3134

RESUMO: O texto apresenta a experiência de dois coordenadores de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a partir da leitura e discussão dos relatórios parciais semestrais produzidos por pibidianos do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os relatórios, elaborados entre 2025 e 2026, suscitaram questionamentos acerca dos fazeres docentes e dos limites e possibilidades dos coordenadores de área no incentivo a uma escrita mais processual e subjetiva. O texto não busca apontar lacunas ou erros, mas discutir as potencialidades da Geografia Escolar e da formação inicial docente, compreendendo o habitar a escola como possibilidade de aprender com e sobre a Educação Básica. Ancorado em um referencial teórico-metodológico pós-crítico em Educação, o estudo dialoga com a noção deleuziana de dobra para pensar a potência da Geografia. Entre as inquietações, destaca-se o caráter predominantemente descritivo, breve e pouco autoral dos relatos. Nesse sentido, propõe-se instigar uma escrita que mobilize emoções, sensações e corpos, por meio de perguntas que convidem à experimentação. Conclui-se que a formação docente requer uma imersão qualificada e atenta na graduação, articulada a duas questões fundamentais: que estudante sou e que Geografias desejo produzir com a escola?
PALAVRAS-CHAVE: PIBID; Formação de professores; Geografia.

ABSTRACT: This paper presents the experience of two area coordinators in the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (PIBID), based on the reading and discussion of semester reports produced by preservice Geography teachers at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Written between 2025 and 2026, the reports raised questions about teaching practices and the possibilities of encouraging more processual and subjective forms of writing. Rather than identifying gaps or errors, the paper discusses the potential of School Geography and initial teacher education, understanding inhabiting the school as an opportunity to learn from and about basic education. Grounded in a post-critical theoretical

[11] Doutora em Geografia. Professora Adjunta do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS.
12 Doutor em Geografia. Professor Titular do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS.

and methodological framework in Education, the study engages with Deleuze's notion of the fold to Explore the potential of Geography. The predominantly descriptive and insufficiently authorial character of the reports led to the proposal of writing practices that mobilize emotions, sensations, and bodies through questions that invite experimentation. The paper concludes that teacher education requires attentive immersion during undergraduate studies, guided by two questions: What kind of student am I, and what Geographies do I wish to produce with the school?
KEYWORDS: PIBID; Teacher education; Geography.

RESUMEN: El texto presenta la experiencia de dos coordinadores de área del Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia (PIBID), a partir de la lectura y discusión de informes semestrales elaborados por estudiantes de la Licenciatura en Geografía de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Los informes, producidos entre 2025 y 2026, suscitaron cuestionamientos sobre las prácticas docentes y las posibilidades de fomentar una escritura más procesual y subjetiva. El texto discute las potencialidades de la Geografía Escolar y de la formación inicial docente, comprendiendo el habitar la escuela como una posibilidad de aprender con y sobre la Educación Básica. Fundamentado en un enfoque teórico-metodológico poscrítico en Educación, el estudio dialoga con la noción deleuziana de pliegue para pensar la potencia de la Geografía. Destaca el carácter predominantemente descriptivo y poco autoral de los relatos, proponiendo una escritura que movilice emociones, sensaciones y cuerpos mediante preguntas que inviten a la experimentación. Se concluye que la formación docente requiere una inmersión atenta en la universidad, guiada por dos preguntas: ¿qué estudiante soy y qué Geografías deseo producir con la escuela?
PALABRAS CLAVE: PIBID; Formación docente; Geografía.

Adentrando o curso de um rio

Muitos estudos do campo educacional realizaram investigações voltadas a evidenciar a sistematização do trabalho discente em relatórios produzidos ao longo de cursos de graduação voltados à formação de professores[13] e professoras, no intuito de discutir as metodologias mais utilizadas em estágios supervisionados, analisando os planejamentos produzidos por professores em formação ou até mesmo verificando a perspectiva curricular da escola em que o graduando estava inserido. Estas análises, por vezes, trouxeram ao longo dos anos, críticas contundentes em relação aos cursos de formação de professores, às políticas públicas de formação docente, ao perfil dos estudantes de cursos de licenciatura, e muitas outras questões que contribuíram para o avanço das discussões no campo da Educação brasileira.

Neste artigo, nosso foco de problematização e discussão são os relatórios semestrais produzidos no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelos pibidianos e pibidianas do subprojeto Geografia entre os anos de 2025 e 2026. Neste contexto, direcionamos nossos olhares

[13] A partir deste momento, utilizaremos o termo "professor" como forma de padronização textual. Ressaltamos, contudo, que tal escolha não visa invisibilizar a diversidade que compõe esse grupo, formado por sujeitos múltiplos, que se reconhecem por diferentes identidades, expressões e pronomes. A mesma questão é válida para as palavras "pibidiano", "coordenador", "aluno".

especificamente a uma parte destes relatórios, que foi a seção onde os pibidianos apresentaram por escrito à coordenação de área do programa as reflexões sobre suas atuações na escola e com a turma que acompanhavam. A explanação da estrutura deste relatório foi apresentada em reunião presencial coletiva entre a coordenação de área do PIBID e os pibidianos do subprojeto Geografia. Naquele momento salientamos ao grupo que aquela seção reflexiva para nós, era a mais importante do relatório, pois foi um espaço criando para que eles pudessem ousar e experimentar uma escrita mais inventiva e afetada pelas suas percepções, emoções, pensamentos, sentimentos etc. Também era aquele, um espaço de escrita aberto para inserir imagens, caso fosse vontade do pibidiano, para que pudessem compor suas sensações e desenvolver o pensamento que estava sendo desenvolvido. Além disso, esperávamos naquela seção ler sobre as perspectivas pessoais daqueles professores de Geografia em formação em relação à profissão docente escolhida, bem como os motivos pelos quais eles têm se dedicado a esta graduação. Nosso intuito, naquele momento inicial do programa, era instigar uma escrita que produzisse um pensamento sobre como a participação no PIBID interagia com suas escolhas sobre ser professor de Geografia.

Vivenciando o Ensino Superior (ES) como professores e professoras em uma universidade pública, a UFRGS, temos em nosso ofício, dentre tantas outras tarefas, a cotidianidade de ler trabalhos acadêmicos, relatórios e textos produzidos por nossos estudantes de graduação. Como já ressaltamos, nosso foco de discussão aqui é uma parte dos relatórios semestrais dos pibidianos, ou seja, os textos reflexivos escritos de modo autoral, com os quais realizamos uma leitura que não foi meramente avaliativa, o que em si já é uma obrigação nossa como coordenadores de área do PIBID, assim como a produção do relatório é dever dos bolsistas. A leitura atenta e dialogada que realizamos desta seção mais introspectiva dos relatórios nos deixou um tanto quanto ensimesmados, pois nos deparamos com relatos predominantemente descritivos e impessoais.

Ao constatar um padrão majoritariamente mecanicista, com frases curtas, exemplos generalistas, clichês baseados em senso comum e ausência de posicionamento ou subjetividade na escrita dos relatos dos pibidianos de Geografia, passamos a questionar nossa prática docente e passamos a problematizar este momento nosso em contato com aquelas produções textuais. Passamos a nos inquietar sobre quais seriam os limites e possibilidades para incentivar nossos pibidianos a produzir uma escrita mais processual, experimental e subjetiva? Assim, o objetivo deste texto é problematizar os relatos que recebemos e discutir sobre estes limites e possibilidades, se é que eles existem de maneira tão aclarada. Ao longo do texto, mergulhamos em nossa própria prática a trazendo também como objeto de interrogação e fazendo emergir pensamentos, dúvidas, incertezas e perguntas sobre o nosso ofício docente. Nos colocamos no texto a partir de nossas

muitas inquietações e perguntas sem respostas imediatas, por acreditar que docenciar é se colocar em movimento, conosco e com o mundo que nos inquieta. Ao escrever este texto a quatro mãos, procuramos expressar os pensamentos que habitam o cotidiano de nosso ofício docente, ao realizar tarefas que, por vezes, repetimos por horas a fio, a ponto de nem mesmo percebemos que nós também tendemos a um processo de mecanização dos nossos fazeres.

O percurso teórico-metodológico deste artigo inscreve-se no campo dos estudos pós-críticos em Educação (Paraíso, 2014), assumindo uma perspectiva que compreende a pesquisa acadêmica não como um caminho previamente definido em direção a verdades ou respostas conclusivas, mas como um exercício de problematização e de produção de questionamentos. Nessa direção, os relatórios parciais semestrais elaborados pelos estudantes do PIBID Geografia figuram como material de problematização, não buscando classificá-los ou aferir sua qualidade gramatical, mas interrogando os modos pelos quais neles se produzem relatos sobre a experiência de iniciação à docência.

Ao nos debruçarmos sobre esses escritos, não pudemos deixar de nos colocar em contexto como professores, repensando e discutindo nossa própria prática docente. É deste ângulo que quem nos lê acompanhará alguns de nossos pensamentos, em meio aos fragmentos de relatos que trazemos à discussão. Assim, o percurso metodológico constitui-se no próprio movimento de leitura, estranhamento e problematização dos relatos dos pibidianos, compreendendo a escrita e a pesquisa como espaços de experimentação, nos quais não se pretende encerrar as questões, mas acompanhar as perguntas que delas emergem. Nos ancoramos em Paraíso (2014) ao salientar que quando construímos nossos percursos teórico-metodológicos, inventamos modos de pesquisar a partir do nosso objeto de estudo e da problematização que formulamos, pois "[...] aceitamos trabalhar com o que sentimos, vemos, tocamos, manuseamos e escutamos em nosso fazer investigativo" (Paraíso, 2014, p.35).

De imediato, para nós professores e coordenadores de área, transbordou dos relatórios uma dupla constatação. Primeiro, uma certa impessoalidade nos textos, mesmo que se refiram a experiências muito pessoais e particulares. Surpreende, pois, em geral os pibidianos estão debutando sua condição de aprendizes de professores. Quase tudo daquele prisma é novo em seu contato com a escola na condição de quase professores, pois é assim que muitas vezes são chamados pelos estudantes da Educação Básica (EB). Se nós, coordenadores de área, constatamos essa impessoalidade na escrita, que é compreensível, pois são novatos buscando seu caminho docente, não é no intuito de desaprovar ou apontar erros. O que nos interessa é discutir sobre uma escrita imersa em autoria e singularidade, fazendo uso da palavra com imaginação, corpo, emoção

e fugindo de platitudes ou generalidades textuais. Desafio difícil e sem fórmula pronta, contudo neste artigo discorreremos sobre algumas pistas que nos aproximam desta escrita que nos move como professores.

A segunda constatação que percebemos nestas produções textuais é sobre como o relato das experiências escolares de nossos pibidianos incorpora pouco das leituras que se presume que o curso de Graduação em Licenciatura em Geografia da UFRGS oferece em seu projeto e que estariam sendo adquiridas por estes estudantes em um curso de formação de professores. Cabe ressaltar que os pibidianos desta edição do Pibid Geografia14 são dos mais variados semestres do curso, desde os iniciantes até os formandos. E eles, em geral, atuam em duplas nas escolas parceiras do projeto. Os grupos de pibidianos que compõem o subprojeto Geografia da UFRGS são formados, em geral, por cerca de oito licenciandos e uma professora supervisora atuantes em escolas públicas da rede de Educação Básica pública de Porto Alegre. Esta configuração do projeto, sempre pensada em coletivo, não é uma condição que impõe um trabalho individual ou solitário, portanto. Muito pelo contrário, trata-se de um trabalho que tem como pressuposto fundante a dimensão coletiva. Desta forma, um dos desafios que enfrentamos como coordenação de área é: se a educação pressupõe troca e diálogo, entre colegas, com os alunos, com a comunidade escolar, com a supervisão, como podemos nutrir e sustentar essas trocas coletivas com e pela escrita?

Cabe aqui um adendo necessário: os relatórios podem ser simples, centrando-se na descrição das atividades feitas pelos pibidianos, dentro ou fora da escola, desde que relacionadas ao PIBID. Disponibilizamos um modelo básico, simples, para orientar o percurso da escrita, mas dentro deste modelo cabe respeitar as diferentes formas que cada um usa para se expressar pela escrita. Tampouco estamos aqui exigindo um modelo ideal de escrita ou teorizações complexas. Há liberdade na produção destes relatórios, não há nota avaliativa e nem mesmo a exigência de adequá-lo às normas acadêmicas. Sempre realizamos as devolutivas por escrito em tom de sugestão, proposição e diálogo, indicando recomendações para as próximas entregas. Não há caráter de obrigação de seguir um modelo restrito de escrita. Não se busca a homogeneização, pois sabemos que cada pibidiano parte de sua compreensão pessoal para com a língua escrita.

Assim, ressaltamos mais uma vez, que o objetivo deste texto não é constatar fragilidades no aspecto formal da escrita e nem apontar lacunas na formação de nossos pibidianos. Sim, como apreciadores de textos e relatórios, temos claro algumas características que consideramos fragilidades textuais, mas o que nos interessa neste momento é a ‘dobra sobre nós mesmos’, isto é,

[14] Edital CAPES nº 10/2024 com vigência entre os anos de 2024 e 2026.

o que tais constatações das escritas provocam em nós, formadores de professores, orientadores e coordenadores de pibidianos.

A intenção deste texto é também trazer à discussão o que e como escrevem os pibidianos de Geografia em seus relatórios, não com a pretensão de produzir uma leitura recriminatória de suas escritas, mas de tomar estes registros como pontos de partida para a continuidade e o aprimoramento de nossa própria ação docente enquanto coordenadores.

É nesse movimento de aproximação e diálogo constante que compreendemos o PIBID como uma confluência entre a universidade e a Educação Básica e, sobretudo, como um espaço de encontro entre pibidianos, professoras supervisoras e docentes coordenadores, em que experiências e saberes se entrelaçam na construção coletiva da formação docente. Neste contexto, consideramos que relatórios não são mera formalidade para o cumprimento e descrição de tarefas realizadas no PIBID, mas um exercício de escrita de si enlaçado com nosso entorno, com o coletivo que afirmamos e com o mundo que queremos habitar.

Relatos de pibidianos: a escrita como um modo de produzir mundos

Provocar nossos pibidianos a se colocarem de forma autoral e subjetiva em seus textos é tarefa árdua, pois estamos a instigar uma escrita menos explicativa e mais sensível, o que é um movimento pouco incentivado no espaço acadêmico. A escrita acadêmica é fortemente legitimada pela descrição objetiva, explicativa, linear e sequencial em seus manuais técnicos de referência, relatórios de saída de campo, citações diretas e indiretas que autorizam ou não o que e como as coisas devem ser ditas e escritas.

Nesta direção retomamos a pergunta que nos move neste artigo e que foi pensada a partir dos relatórios produzidos pelos pibidianos de Geografia da UFRGS: como podemos orientar nossos pibidianos a escreverem de maneira menos focada em descrições e memorizações, e mais interessada em compor um estilo de escrita que lide com suas próprias razões e emoções? Aqui cabe mais uma sincera pergunta a nós mesmos: há a possibilidade de instigar emoção e invenção na escrita destes relatos oriundos de um percurso de formação docente?

Como coordenadores, também percebemos um padrão na escrita destes relatórios: há poucas, ou por vezes nenhuma dúvida ou perguntas dos pibidianos em relação às suas experiências no cotidiano da EB. Afinal, eles são novatos como professores em formação, estão a adentrar a escola pela primeira vez não como estudantes da EB, então poderia haver mais espaço nestas escritas para seus espantos, encantos, surpresas, fascínios, choque, estranhezas, perplexidade.

Muitas vezes, pibidianos registram em seus relatos a ideia de conhecer muito bem o funcionamento e as complexidades da EB, pois há pouco tempo eram estudantes do Ensino Médio, mas não percebem que agora suas presenças na escola mudaram. Agora, adentram o espaço escolar como estudantes universitários, professores em formação, pois já estão em contato com atividades típicas do ofício docente: observar aulas, circular pelos ambientes da escola como pibidianos, planejar atividades em conjunto com as professoras supervisoras, e, compor eventualmente o desenvolvimento de algumas aulas etc. Nosso espanto nesse cenário é: poderia a formação docente ser feita sem perguntas? Sem estupefação, curiosidade, variação de sentido e sensações?

Nos parece existir um vidro entre os pibidianos e a existência, a escola. Será que há medo de brilhar os olhos diante de nós, coordenadores e supervisoras? Ocorre-nos uma metáfora de caráter geográfico-espacial: a de um rio, sendo este a escola. Parece que alguns pibidianos caminham paralelos à margem do rio. A impressão é que aparentam apenas caminhar pela margem, observando o rio sem nele entrar, sem se molhar nas suas águas. Será que nós coordenadores temos passado a ideia de que estarão sem auxílio ao adentrar neste rio? Será este um comportamento que mostra o medo que têm de se afogarem? É até possível.

O sentimento que nos acompanha é de que o curso (a graduação e o rio) não tem molhado e muito menos encharcado nossos estudantes. Parecem mobilizar pouco as discussões e possibilidades que o curso está (tentando) construir. Parece que tocam o curso com a ponta dos dedos. Seria medo de se chamuscarem? Mas, a água, queima?

É neste sentido que acreditamos na força de uma escrita autoral e processual que possa no texto manifestar um modo próprio de dizer sobre o mundo, seja nos relatórios, nas atividades pibidianas ou até mesmo nas aulas da graduação. Preve e Desiderio (2014) problematizam sobre o movimento docente de ativar os processos de escrita acadêmica no sentido de abri-las aos movimentos do fazer e do pensar, ao captar a escrita como um processo cartográfico e o texto como mapa destas cartografias, ou seja:

> […] pequenas tentativas de dizer de um modo próprio, o que precisa ser dito. E um mapa, como sabemos, é sempre indicador de como determinada coisa (qualquer coisa), fenômeno, lugar, situação se distribui na superfície da Terra e/ou dos corpos. O mapa apresenta uma geografia das coisas e dos acontecimentos. Pode-se pensar então esse texto como um mapa aberto que se liga a outros mapas, ou seja, a outras circunstâncias, sempre engendrando novos mapas (Preve; Desiderio, 2014, p. 23).

Temos como coordenadores a noção (ingênua?) de que o curso de Licenciatura em Geografia e suas disciplinas podem oferecer aos nossos alunos destrezas e saberes para

conduzirem suas atividades no programa. Se não estamos oferecendo estas condições, estamos falhando?

Como nos movemos neste rio chamado Geografia?

Por que falar de nossos desconfortos como professores do ES e coordenadores de área do PIBID ao ler os relatórios de nossos pibidianos? Acreditamos que esse movimento deva ser feito por meio de uma escrita processual, uma vez que é fundamental realizar o exercício de grafar sobre as possibilidades de nossa prática docente, com vistas a contribuir para formação inicial de professores de Geografia. Não é o nosso intuito aqui lamuriar nossas vivências como professores do tipo 'o pibidiano não fez/faz isso ou aquilo' como se este fosse um eterno devedor.

Nosso desejo é interagir com o que nos capta nestes relatórios a partir da noção de dobra Deleuziana, que para o filósofo é um processo de subjetividade e subjetivação, pois "[…] é preciso colocar o mundo no sujeito, a fim de que o sujeito seja para o mundo. É essa torção que constitui a dobra do mundo e da alma [...]" (Deleuze, 2009, p. 51).

Neste texto buscamos produzir uma escrita subjetiva e processual a partir dos relatórios produzidos pelos pibidianos de Geografia em que a questão é: se constatamos um determinado ponto de inflexão nas escritas que acompanhamos, o que nós podemos fazer para, num movimento constante de interação, ou dobra, alargar tal escrita produzindo com ela um pensamento que amplie nossas possibilidades de dizer sobre o que se passa em nossos mundos, ou seja, as geografias que estamos a tecer nas escolas. E, por conseguinte, quem sabe aprimorar a escrita e a argumentação dos estudantes da EB que estão em contato com os pibidianos nas escolas. Ou seja, como nós, professores do ES e coordenadores do PIBID podemos atuar com mais profundidade na formação, presente e futura, dos pibidianos que estamos a orientar?

Nosso movimento docente nesta escrita pretende ir além de analisar e avaliar relatórios descritivos, mas produzir um pensamento para que juntos de nossos futuros professores de Geografia possamos ativar nossos processos de escrita autoral que nos dizem sobre ser e estar no mundo.

Grafias do escolar

É bastante comum o pibidiano anunciar em seu relatório que o contato com os alunos da EB produz "*grandes experiências e aprendizagens*[15]". Ótimo! Mas, quais? Queremos ler, queremos saber. Escreva sobre estas experiências e aprendizagens ao longo de seu texto. Nos mostre o que se passou naquele momento, quais lembranças emergiram, quais imagens vieram ao seu pensamento. Responde-se ao pibidiano: *"Não seja tão direto, nos dê exemplo, cores e cheiros desse acontecimento. Consegues perceber como fostes sintético na fala sobre a escola e a professora supervisora? Queremos ler sobre a professora que te recebe para além do Lattes. Melhor, queremos conhecer ela por aquilo que não cabe no Lattes. Não seja árido. Exponha suas reflexões e emoções"*.

Enfatizamos sempre que a apresentação de uma pessoa ou situação é o primeiro passo para o leitor situar o contexto do relato que lê. Então, apresentar este contexto nada tem de tradicional no sentido negativo da palavra. Pelo contrário, é a forma inicial para convidar o leitor a se entregar ao seu texto. Sempre insistimos em nossas devolutivas que muitas vezes, para falar sobre algo as diferentes linguagens podem ajudar o leitor a imaginar o conceito que se quer mobilizar. Se dizemos que Foucault (2014) aproximava as escolas e as prisões em suas análises por possuírem semelhanças de disciplinaridade em seus espaços, podemos agregar às nossas escritas imagens fotográficas que dialoguem com esta afirmação conceitual que estamos apontando. Por exemplo, em quais lugares, objetos, comportamentos podemos perceber estes elementos de disciplinaridade do espaço escolar? Em suas grades? Na organização da sala de aula? Na uniformização dos estudantes?

O pressuposto é que se almejamos ser professores, pibidianos, pesquisadores, precisamos fazer mais perguntas a nós mesmos, do que necessariamente apontar como uma aula ou estudante deveria ser ou acontecer. No processo de formação docente é fundante se colocar em interrogação e não simplesmente apontar para como o ambiente escolar deveria ou poderia ser. Não estamos indo à escola para indicar aquilo que ela deve fazer, mas para com ela aprender a encontrar nossa identidade docente para nos construímos professores na dobra, na multiplicidade, subjetivamente, pois a figura docente não é um modelo a ser incorporado homogêneo e protocolar.

Fazer perguntas refina os sentidos e o pensamento sobre os lugares, pessoas e situações que vivemos: produz geografias! Diante de qualquer obra, seja ela imagem, música, situação da vida e/ou da escola, o olhar que se auto interroga é potencialmente mais

[15] As frases destacadas em itálico e entre aspas correspondem tanto às escritas dos pibidianos nos relatórios quanto às observações registradas por nós nas devolutivas decorrentes da leitura desses materiais.

fertilizador, seminal, do que o conceito que o descreve, define e fecha. Uma imagem pode ser fixa, mas a percepção de quem a vê, não.

Que perguntas você, pibidiano, e nós, coordenadores, dirigimos a nós mesmos e aos sujeitos com quem partilhamos os espaços escolares?

Um pibidiano relata em suas memórias de aula o incômodo com as respostas *"insuficientes/ou confusas dos alunos"*. Nos parece interessante que, como professores, seja na EB ou no ES, fiquemos incomodados com trabalhos feitos sem envolvimento ou elaboração mínima. A pergunta que procuramos devolver aos pibidianos é: "como estimular que os alunos da EB continuem interessados no que se discute na escola e a fazer melhor o que se solicita?" Como nós, eu, você que nos lê, diferenciamos o insuficiente do suficiente? Sabemos deixar transparente para os alunos os nossos critérios de avaliação ou nos limitamos a lhes atribuir um conceito ou nota?

Um outro pibidiano relata que a resposta do aluno em sala de aula *"não foi do modo que esperava".* Tudo bem, mas o indagamos na devolutiva: *"o que esperavas do aluno?"* Isso vale, de novo, para nós coordenadores: será que nos fazemos ser entendidos quanto aos critérios avaliativos das experiências cotidianas que nossos pibidianos vivenciam no ambiente escolar? Aqui, novamente, a dobra sobre nós mesmos: como evitar repetir vícios que por vezes identificamos nos pibidianos? É o processo de formação permanente que interessa estar em movimento para todo professor.

Quando o relatório que chega a nós é muito sucinto, argumentamos que o leitor não consegue compreender em tão poucas linhas o que se quer dizer. E, ser entendido, é fundamental para haver troca e comunicação. E, tão importante, acrescentamos: *"o que farias na continuidade da atividade?".* Instigar um 'gostaria de saber mais sobre isso' foi necessário na maioria absoluta dos relatos, pois percebemos que nestes registros semanais os pibidianos escrevem muito pouco, uma média de no máximo quatro linhas. Estimular a escrita é basilar em todo ambiente educacional. Entretanto, não se trata de meramente estimular a escrita como atividade avaliativa a ser corrigida, mas sim como espaço-tempo para a expressão de modos de ser e estar no mundo com a liberdade de fazer com que suas ideias, impressões, sensações, estranhamentos, dores e alegrias habitem os espaços.

Retomando a discussão, nos questionamos: como instigar uma escrita menos genérica e consensual? Uma escrita autoral que concilie argumentação, emoção, dores, cheiros, corpos e sabores. Como estimular a escrita subjetivamente pensante? Terão ainda os alunos do ES, nossos pibidianos, medo de se expor? Receio de serem tolhidos? Afinal, na universidade,

infelizmente, ainda é bastante comum e praticada a ideia de 'vocês ainda são novatos para dizerem o que pensam. É necessário que as referências da área!' – postura acadêmica elitista, que visa manutenção do cânone acadêmico e que se coloca de maneira colonial, autoritária e patriarcal.

Nos deparamos também com relatos recheados de escritas genéricas, marcadas por chavões e por citações reiteradas à exaustão. Neste contexto nosso estranhamento é que em quase todos os relatórios que lemos para acompanhar os pibidianos em suas vivências, muitos se autointitulam como críticos. Nesta direção, pensamos sobre como evitar palavras ocas, repetidas mecanicamente ao longo dos tempos. Citamos alguns exemplos: *"[...] esta situação é um desafio"*. Ora, o que não é um desafio, exceto estar vivo a cada dia? Em alguns destes relatórios nos deparamos com a uma noção de educação expressa a partir de palavras mágicas, mantras e pensamentos desejosos. Todos concordam, mas o que um pibidiano quis dizer quando escreveu que teve *"muitas aprendizagens"*? Outro mantra que povoa quase todo relato de nossos pibidianos: *"precisamos ser críticos"*. Ora, alguém que nos lê não vai se achar crítico ou questionador? O que pensaríamos de alguém que se diz não crítico? É raro ouvir alguém dizer que é alienado para algum tema que se discute num ambiente educativo. Mais comum, é o oposto: darmos opiniões sobre os mais variados temas sem muitas vezes, termos bom embasamento.

Trazemos a discussão acerca destas repetições postulares, quase dogmas, que encontramos nos relatórios de nossos pibidianos, como *"a importância de ser uma professora crítica",* pois, por exemplo: o cidadão que 'critica' uma mulher no comando de uma grande instituição ou alguém que 'critica' que os 'políticos são todos uns ladrões', não estão sendo críticos, ou seja, julgando, desaprovando ou avaliando algo ou alguém? Mas, com qual finalidade? A partir de quais preceitos éticos? Sua 'crítica' é produzida a partir qual posicionalidade? Quantos de nós ouvimos a expressão de cidadãos se autodefinindo como 'gente de bem', mas o que isso quer dizer na percepção destas pessoas? São mesmo pessoas que promovem o bem-estar social? Com isso, queremos problematizar o cômodo papel da educação como geradora de clichês vazios, pastéis de vento (Kaercher, 2004), consensos panfletários, esvaziados de significado e complexidade. Como pibidianos e coordenadores, podemos ampliar a leitura de mundo sem sermos autoindulgentes por nos considerarmos, a priori, 'críticos'?

Novamente, hora de entrarmos em nosso rio, nosso curso de Licenciatura em Geografia, da nossa ciência para complexificar os modos de ler o mundo sem se contentar

com o truísmo de 'ser crítico'. Ou mesmo, sair da generalidade dos *"desafios do ambiente escolar"*. Quais são estes desafios? Como se produzem no ambiente escolar? Em quais situações eles aparecem? E como você quer enfrentá-los, ou quem sabe, estremecê-los? É possível criar mecanismos em sala de aula que confrontem estes desafios?

Em um outro relatório que lemos, um pibidiano se diz surpreso com a '*diversidade da escola*', pois a instituição '*mostrou corpo docente diverso*'. Boa constatação. Mas, de que diversidade está falando? Diversos em formação? Em origem geográfica? Em gênero? É sobre estas generalidades que precisam adentrar mais as palavras. É urgente ir além de descrições genéricas.

Um pibidiano faz uma autocrítica pertinente: "*faltou a escrita no quadro*". Sim, importante. Escrever, ainda que poucas frases, mesmo que curtas, mas fazer o registro é importante. Portanto, e de novo, não há de se ter medo de ser tradicional: escrever, usar o quadro é fundamental, pois nossos alunos saem do Ensino Médio e, às vezes, são pouco fluentes na leitura e escrita. Enfrentar as dificuldades de escrita dos estudantes é tarefa da escola e da universidade. Um comportamento assumido pelas massas digitais não deve ser balizado, por exemplo, pela escrita rápida e mínima das mensagens de celular. E aqui, uma provocação: será que não estamos nos balizando por um parâmetro mínimo para as necessárias leituras a serem feitas na direção de uma formação minimamente aceitável em nossos cursos de graduação? É prudente nos contentarmos com o padrão da economia da atenção operado pelas redes sociais atualmente?

A minúcia que dedicamos ao processo de leitura dos relatórios dos pibidianos que coordenamos no PIBID Geografia da UFRGS, nos permitiu pensar e esquadrinhar com mais demora as questões que discutimos nos entremeios deste artigo a partir de um programa de formação inicial de professores. É neste contexto que seguimos insistindo na demorada, complexa e árdua tarefa de instigar a invenção do fazer e pensar docente ao invés da mera 'aplicação' de atividades prescritas e prontas. Insistimos em fortalecer o exercício da escrita autoral, processual e subjetiva, do pensar com demora na contramão das respostas genéricas, do traçado à punho feito de caneta ou lápis ao invés da digitação que por vezes consegue ser mais rápida que nossos pensamentos. Insistimos, e cotidianamente somos atropelados por um mundo que igualmente insiste na produtividade, na quantidade, na velocidade, no excesso e na aplicação de verdades absolutas.

Considerações e desejos de continuidade

Compreender as turmas da EB, e, também, dos próprios estudantes que compõem

parte deste ambiente é de extrema importância e complexidade, e este é um movimento geográfico, é geografia. As pessoas, quem elas são? De onde elas vêm? Quais espaços e tempos marcam suas trajetórias de vida? Estamos aqui a falar das geografias que constroem vidas, não apenas de sua localização geodésica (latitude, longitude e o ambiente que isso carrega, sendo elas ugandenses, vietnamitas etc.; morando no bairro x ou y etc. A população feita de 'carne e osso', esta que se expressa por etnias, religiões, classes sociais, gêneros, gerações etc. Não se trata de apenas números que expressam uma população genérica.

Dentre nossas múltiplas tarefas como professores, destaca-se a de ampliar o repertório cultural de nossos alunos e pibidianos, indo além da 'aula de Geografia'. Isso implica apresentar-lhes e incentivá-los a dialogar com o trabalho de artistas, cientistas, esportistas, escritoras, bem como pessoas comuns de nossa cidade que conhecemos e compõem nosso repertório social. Essas referências podem ser incorporadas ao cotidiano de nossos estudantes, que muitas vezes, também nos apresentam outras tantas referências ainda desconhecidas por nós, permitindo-nos conhecê-las em um movimento mútuo de ampliação de repertório. No geral, o que percebemos: mundo, vasto mundo! Quantas referências que não conhecemos. Quanta beleza e capacidade há no ser humano em fazer coisas belas!

Ao longo de nossas vidas conhecemos muitos modelos de aulas e arquétipos de professores. Muitos deles, não tão positivos e desejáveis. A pergunta que nos fazemos, é: por que repetimos esses padrões? Ou, por que a escola é tão anunciada e denunciada como cansativa, ultrapassada e enfadonha e, quando nós estamos atuando em sala com os estudantes, tendemos a repetir o que fizeram conosco?

Temos uma concepção epistemológica fundante: a Geografia não é um fim em si mesma (assim como a Matemática, a Língua Portuguesa, as Ciências, entre outras), mas um meio. Meio para quê? Para melhor viver no mundo, em relação com aqueles que nos cercam em busca de uma boa vida. Mas o que é, afinal uma boa vida para você? E de que modo a Geografia pode contribuir para que nossos estudantes se orientem – em um sentido profundamente geográfico - no mundo? Nossa crença é que o conhecimento produzido nas escolas, nas universidades, a partir e com a ciência geográfica, pode ajudar nossos alunos a construírem relações sociais mais fraternas, coletivas, democráticas e favorecedoras do bem-estar social. Voltando ao que foi dito anteriormente, é impossível andar por nossas cidades e não perceber as grandes diferenças sociais, que não são naturais, mas construídas e perpetuadas. Se este rio que aqui apelidamos de Geografia não nos causar estranhamento, é como se sua água não nos molhasse. Quem sabe, o curso deste rio está secando e estamos

sendo insuficientes como professores formadores. E, também por consequência, o licenciando/pibidiano está se molhando pouco neste rio. Contentando-se em ficar à margem? Não estamos aqui querendo potencializar culpabilizações nem enfatizar um liberalismo individualista ("eu serei o que eu quero"), mas pensamos ser pertinente uma reflexão situada: o que eu posso e o que eu desejo fazer com minha formação inicial neste curso de graduação?

Problematizar o que se ouve, vê e lê não é mera paranoia, é um movimento necessário. Isso é ser pesquisador. É lançar o olhar interrogativo sobre e no mundo. E, se temos a pretensão de que os professores sejam pesquisadores, é bom que pratiquemos isso no dia a dia de nossa docência. Fazendo perguntas e orientando, com a Geografia, os alunos encontrarem suas respostas para que possam produzir outras e novas perguntas. Ser pesquisador não se restringe a escrever textos acadêmicos.

O convite que nós autores fazemos aos pibidianos e alunos é simples: jogue-se no rio sem medo de se molhar. Estamos aqui, dentro dele, para acolhê-los. Não fiquem confortáveis, na margem. O que fizerem na universidade, ou na escola (PIBID, estágios obrigatórios, iniciação científica, monitorias) façam com entrega, envolvimento, dedicação, curiosidade, 'perguntação' e emoção.

E uma forma de já sair da caverna é ser um bom estudante durante a graduação, e, simultaneamente, ser um pibidiano interrogativo e interativo na sua escola 'sacudindo' o senso comum, tanto da sua escrita (relatórios e trabalhos acadêmicos) como auxiliando os estudantes da EB a melhorarem suas produções escritas e percepções mundanas.

Ainda que estes últimos parágrafos não sejam uma conclusão, mas um desejo, gostaríamos de dizer que nossa vontade é despertar, em nossos estudantes, o interesse de estarem conosco nos momentos de aula, e, suma pretensão, que nossas aulas continuem dentro deles quando o sinal do ir embora já soou.

Referências

DELEUZE, Gilles. A dobra: Leibniz e o barroco. 5. ed. Campinas: Papirus, 2009.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KAERCHER, Nestor André. Quando a geografia pode ser um pastel de vento. Mercator, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 53-60, nov. 2008.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo

Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PREVE, Ana Maria Hoepers; DESIDERIO, Raphaela de Toledo. Educação em Geografia: percursos e desvios em uma experiência com memoriais. In: MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski. (Org.). Ensino de geografia no contemporâneo: experiências e desafios. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. p.18-42.

Recebido em: 02 dez. 2025.
Aprovado em: 02 ago. 2026.

Revisor(a) de língua portuguesa: as autoras
Revisor(a) de língua inglesa: as autoras
Revisor(a) de língua espanhola: *as autoras*